

Lino, Vitor Ferreira. Vilela, José Henrique. Análise do filme O Carteiro e o Poeta (Il Postino). Programa Especial de Graduação (PEG 2009). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. **Orientação: Professora Rosemary Dore Heijmans. Belo Horizonte, maio de 2009.**



Índice

Ficha Técnica	2
O Carteiro e o Poeta. Introdução	2
Os filósofos e as metáforas	4
A Igreja e a filosofia da Práxis	7
Mário e Neruda: a relação entre intelectuais e massa: autoconhecimento e elevação do senso comum	9
Conclusão	12
Referências Bibliográficas	16

Ficha Técnica de O carteiro e o Poeta

Título Original: Il Postino

Gênero: Romance/ Drama

Tempo de Duração: 109 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1994

Estúdio: Miramax Films / Blue Dahlia Productions / Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica / Esterno Mediterraneo Film / Penta Films, S.L.

Distribuição: Miramax Films

Direção: Michael Radford

Roteiro: Anna Pavignano, Michael Radford, Furio Scarpelli, Giacomo Scarpelli e Massimo Troisi; baseado em livro de Antonio Skármeta

Produção: Mario Cecchi Gori, Vittorio Cecchi Gori e Gaetano Daniele

Música: Luiz Enríquez Bacalov

Direção de Fotografia: Franco Di Giacomo

Desenho de Produção: Lorenzo Baraldi

Figurino: Gianna Gisi

Edição: Roberto Perpignani

Elenco

Massimo Troisi (Mario Ruoppolo)

Philippe Noiret (Pablo Neruda)

Maria Grazia Cucinotta (Beatrice Russo)

Renato Scarpa (Telégrafo)

Linda Moretti (Donna Rosa)

Mariano Rigillo (Di Cosimo)

Anna Bonaiuto (Matilde)

Bruno Alessandro (Pablo Neruda - voz)

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/carteiro-e-poeta>

O Carteiro e o Poeta

Introdução

O filme *O Carteiro e o Poeta* é uma obra que nos dá apontamentos sobre a relação entre “mestre” e “discípulo”. O filme se passa numa ilha italiana habitada por pescadores, na década de 1960. Os principais personagens de nossa história são Mario, um homem de meia idade, filho de um pescador viúvo e Pablo Neruda, o poeta chileno que contou o amor e as injustiças sociais.

Após ser exilado de seu país Neruda¹ migra para a Itália, se instalando na ilha de pescadores na qual Mario habita. Pouco adaptado ao trabalho no mar, Mário reclama com seu pai de que a umidade do ar atrapalha sua saúde e que por isso irá procurar outro emprego. Assim, Mario fica sabendo da vaga como carteiro para entregar as correspondências do poeta recém chegado à ilha e aceita o trabalho, mesmo sabendo da dificuldade de localização das entregas e do risível salário.

No início da relação entre o carteiro e o poeta, o contato entre Mario e Neruda é pouco efetivo, reduz-se apenas à entrega de cartas do primeiro ao segundo. Contudo, a curiosidade de Mario acerca da Poesia vai rompendo as barreiras do contato, e aos

¹ É importante esclarecer que Neruda nunca esteve exilado numa ilha italiana como o filme mostra, mas sim num balneário chamado Isla Negra, em seu próprio país, o Chile. O filme *O Carteiro e o Poeta* (*Il Postino*) é baseado na obra de mesmo nome, escrita por Antonio Skármeta. O autor chileno era redator cultural do que ele chama de “um jornalzinho de quinta categoria” e pela ordem de seu diretor foi à Isla Negra entrevistar Neruda para saber sobre seus amores, as mulheres que havia paquerado. Skármeta pede a Neruda que lhe concedesse tal entrevista e tem como resposta à sua investida jornalística, a amável resposta do Poeta de que “seu grande amor era sua mulher atual, Matilde Urrutia, e que não sentia entusiasmo nem tinha interesse em revolver este “pálido passado” (Skármeta, 1998, p.9). O jornalista, que pretendia usar as horas vagas na ilha para escrever seu romance, então pede Neruda que pelo menos lhe escrevesse o prefácio da futura obra, ao que Neruda responde dizendo que o faria, quando estivesse pronto o romance. Skármeta gastou quatorze anos para finalizar sua obra, e considera que foi tempo demais, ao passo que outros conterrâneos escreveram muitas obras no mesmo período.

poucos Neruda e ele se tornam amigos. Neruda ensina a Mario sobre o poder das metáforas, recurso textual presente na Poesia. Com influência deste estilo literário, Mario conquista a bela Beatrice e também se torna mais crítico diante da situação de pobreza de sua ilha, o que lhe impulsiona a envolver-se com o partido comunista italiano.

O filme em questão traz várias contribuições para pensarmos as relações entre professor e educando, numa perspectiva gramsciana da relação entre intelectuais e a massa, na qual o autor entende que todos os homens são intelectuais e propõe que seja rompido o senso comum, levando as massas a uma postura política mais ativa. Além disso, através do filme podemos refletir sobre a condição humana, o poder e beleza da Poesia e a importância de ruptura com padrões sociais vigentes.

Após assistir ao filme “O Carteiro e o Poeta” (*Il Postino*. Direção: Michael Radford, 109 minutos, 1994.) nossa percepção talvez não esteja atenta às minúcias que perpassam o mesmo. Qual o saldo de assistir tal filme? Quais são as questões que passam a habitar nosso intelecto? Em que o filme me afetou? Resignifiquei conceitos? São perguntas que devemos nos fazer após a exibição do filme, pois ele, a obra de arte síntese da imagem, luz, música e dramaticidade é uma trama textual que traz em si conceitos, e a possibilidade de compreensão dos mesmos; um momento de aprendizado.

Os filósofos e as metáforas

De acordo com Gramsci, é preciso destruir o preconceito de que a filosofia é algo muito difícil, oriundo de uma camada de intelectuais especializados. Para isso o autor mostra que todos os homens são filósofos, pois a “filosofia espontânea”, “peculiar a todo mundo”, está contida em várias dimensões da vida humana, como a linguagem que é um conjunto de conceitos determinados, no senso comum e no bom senso, na religião popular e em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, forma de ver e agir manifestados no que se chama folclore, dimensões das quais todos os homens fazem parte. (Gramsci, 1999, p.93)

Para Gramsci, todos os homens são filósofos, ainda que inconscientemente, pois em toda manifestação de atividade intelectual, como na linguagem, está contida uma concepção de mundo. Assim, Mario, nosso protagonista é também um filósofo que ao longo do filme vai observando o ambiente a sua volta, as relações políticas e socioeconômicas, complexificando e refinando seu pensamento. As concepções de mundo que levam Mário a uma reflexão sobre o meio onde vive e as relações presentes neste espaço, originam-se nas leituras e conversas com Neruda, que expunha críticas sobre as desigualdades sociais e concepções sobre o amor. Essas concepções são prioritariamente ligadas à linguagem, ao campo de significação verbal, o que se aproxima do que Gramsci diz acerca de que a filosofia está presente, entre outras coisas, na linguagem.

Sobre este ponto, a significação verbal, podemos refletir acerca da questão da metáfora, presente no filme. A presença de Neruda na ilha leva Mario a tomar contato

com a Poesia do autor, inicialmente com o objetivo de conquistar as mulheres, assim como Neruda fizera em sua vida. A metáfora tem um papel importante na relação educativa, de contato entre massa, representado por Mario e o intelectual representado por Neruda, pois é uma forma “figurativa” de se dizer algo, recurso que levará Mario a elaborar e refinar seu pensamento, fato que se dá por meio da Poesia. Podemos entender a metáfora, a partir do que é explicado pelo poeta chileno a Mario, como um recurso verbal/textual no qual se dirá algo por meio de outra expressão, com forte característica visual. Assim, num exemplo bastante simples, Neruda explica para Mário o que é uma metáfora, perguntando entre outras coisas, o que se quer dizer quando falamos que “o céu está chorando”, ao que Mario responde que significa que está chovendo. Assim, o poeta vai estabelecendo diálogo com Mario, por meio da poesia, levando-o a refletir sobre sua própria vida e o mundo. Desta maneira, perceberemos a complexidade do pensamento do carteiro, quando ele questiona o poeta, perguntando se o mundo é uma metáfora de todas as outras coisas, questionamento sobre o qual o poeta fica de refletir para dar uma resposta.

Podemos pensar o quão complexa é a pergunta de Mário, ao compreendermos que ao longo dos séculos a filosofia e as ciências usaram da metáfora para se referirem a vários fenômenos que eram fonte de análise para elas. A Sociologia, por exemplo, ao utilizar do conceito de “força social” está utilizando de uma metáfora, pois na realidade as pessoas não estão, necessariamente utilizando de força física para conseguirem algo, mas sua organização gera uma “pressão” que leva à “mobilidade” de uma situação. A própria área da Educação faz uso da metáfora quando se refere ao “universo da criança”, entre outras expressões. Desta forma, é importante considerarmos que toda a linguagem está permeada por metáforas, pois sempre se está dizendo algo por meio de outra coisa, processo que, se pensarmos bem é intelectualmente complexo devido à série de ligações de raciocínio e representações mentais² que demanda. Logo retornamos novamente à noção gramsciana de que todos os homens são filósofos, já que todos eles participam de uma concepção de mundo, estando inseridos nas “tramas” do bom senso e do senso comum. Gramsci nos diz que a Filosofia é uma “ordem intelectual”, e a diferencia do senso comum_ que é um conjunto de elementos desagregados, que engloba das expressões dos homens das cavernas à ciência mais moderna_ e da religião, entendida como “uma unidade de fé entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta, que segundo ele poderia ser chamada de ideologia ou política. (Gramsci, 1999, p.96)

Para o autor, não existe filosofia em geral e sim várias filosofias. Para compreender o que Gramsci quer dizer podemos observar o seguinte: existem na história da filosofia várias concepções de mundo, como exemplo o platonismo, o naturalismo, o niilismo, que são correntes filosóficas que orientam vários seguimentos conceituais da

² Para a psicologia sociointeracionista, altamente influenciada por L.S Vygotsky, a representação mental é o processo no qual o indivíduo faz a associação entre a palavra e o objeto visto, por exemplo, criando uma correspondência entre a palavra “ilha” e sua figura, uma pequeno relevo terrestre cercado por água. Em indivíduos surdos, o processo de representação mental é dificultado por inicialmente não haver construção verbal.

sociedade ao longo da história. Outro exemplo, muito pertinente à sociedade atual, seria o culto à forma humana, “filosofia” que compôs o escopo ideológico do Renascimento, no qual se promovia a exaltação das formas humanas, consideradas um reflexo da perfeição divina. Essa concepção influenciou a pintura, a escultura e o vestuário renascentista e ao longo dos séculos sofreu “mutações”, influências do capitalismo e da mídia, e tornou-se na contemporaneidade a doutrina da beleza, do desejo da magreza, do culto à forma física “perfeita” e “hegemônica”, que a maioria de nós “compra” diariamente das novelas, das revistas de moda e dos salões das academias, acreditando, vivendo e reproduzindo essa concepção da “beleza” à toda prova. A partir desse exemplo torna-se mais claro o que Gramsci quer dizer com o termo “concepções de mundo”.

No filme que assistimos, vemos presentes nas ações das personagens várias concepções de mundo. A aceitação do paternalismo anti-ético do político Di Cosimo por parte dos moradores da ilha, o “incentivo” à ignorância de Dona Rosa estimulada pelo Padre quando este, não explica a ela o conteúdo lírico e figurativo da poesia de Mario à Beatrice, ou ainda a influência de Neruda para que Mario observasse o mundo a sua volta, sendo mais crítico e politicamente ativo, o que levará o carteiro a tornar-se mais perceptivo e atuante. É importante pensarmos que Gramsci questiona qual seria a verdadeira concepção de mundo: aquela presente no plano intelectual ou no da ação.

A Igreja e a filosofia da Práxis

O cristianismo foi desenvolvido a partir dos registros feitos pelos apóstolos das pregações que Cristo fazia onde hoje conhecemos como oriente médio. Pelo que vemos na bíblia esses discursos ressaltavam a importância da união com a força criadora, ou o Pai, do amor e respeito entre os seres, da superação da opressão e alcance da liberdade. Essa é a “suposta” base do cristianismo e do catolicismo. Contudo as atitudes do padre do filme coincidem com essas concepções? Ao manter Dona Rosa na ignorância e ao propagar a noção de que os comunistas comiam crianças e engordavam com sua carne, qual é a concepção do padre? É de libertação das dominações e de amor entre os seres?

Gramsci diz que a Igreja, especificamente a católica da época em que ele vive, tinha necessidade de união doutrinária e lutava para que os estratos intelectualmente superiores não se destacassem dos inferiores estando sempre preocupada em se assegurar que não formassem “duas religiões”, a dos “intelectuais” e a das “almas simples”. Através de observações feitas na sociedade italiana do início do século XX, Gramsci vê o impacto da igreja católica na manutenção da ignorância da população, situação mostrada no filme, quando Dona Rosa procura o padre para que ele lhe explique a poesia dada por Mario a Beatrice, e o padre em vez de explicar que se tratava de uma linguagem figurada, de um recurso artístico, nada faz para esclarecer a tia de Beatrice, que continua achando que Mario viu sua sobrinha nua porque fez uma descrição metafórica da mesma. Assim entendemos que a Igreja, pelo menos a do filme, não buscava a elevação dos simples, mas buscava mantê-los no conformismo e

na alienação. Talvez o próprio padre fosse mais uma “vitima” da “doutrina da alienação” defendida por extratos mais superiores do clero. Isso ocorre atualmente de forma massiva, com os milhares de líderes religiosos professando uma fé que não liberta, e sim aprisiona os fiéis numa masmorra de ignorância e passividade.

Outra cena que nos faz pensar sobre concepções de mundo e a “banalização” dos fiéis por parte da igreja é o momento em que o padre diz a Mário que Neruda não poderia ser padrinho de seu casamento com Beatrice porque era um comunista, e faz todo o discurso de que Neruda devia comer criancinhas. Ao mesmo tempo, vemos o Poeta ajoelhado em frente ao altar fazendo uma prece. Irônica, com certeza, essa cena pode ser vista como uma crítica ao padre e às concepções políticas e dogmáticas da Igreja. Neruda, era um poeta que denunciava a opressão e falava sobre as nuances do amor, provavelmente não era católico_ e nem precisaria ser para ter concepções de mundo mais humanizantes_, no entanto, em apoio a Mario, interpreta o papel de um crédulo, para driblar as restrições do padre. Retornando à noção dos comunistas como comedores de criancinhas, foi essa a concepção que a Igreja propagou de meados do século XIX até o XX, sendo isto feito porque o comunismo ia contra muitos preceitos da Igreja, propondo, por exemplo, a superação das desigualdades e tomada de consciência das massas. Assim, intelectuais como Neruda, que denunciavam e propunham que as desigualdades fossem superadas, são vistos como “demônios”, imaginário que povoou o campo do senso comum à época da expansão do socialismo e do comunismo.

A superação do conformismo e do senso comum característico dos moradores da ilha, que fazem procissão, mas não se mobilizam em uma passeata para reivindicação de seus direitos de cidadãos_ eles nem demonstram saber o que é ser cidadão_ poderia se dar a partir da superação do senso comum. Gramsci faz uma diferenciação entre senso comum, religião e a filosofia dizendo que

A filosofia é uma ordem intelectual, o que nem a religião nem o senso comum podem ser. Ver como, na realidade, tampouco coincidem religião e senso comum, mas a religião é um elemento do senso comum desagregado. Ademais, “senso comum” é um nome coletivo, como “religião”: não existe um unico senso comum, pois também ele é um produto e um dever histórico. A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, nesse sentido, coincide com o “bom senso”, que se contrapõe ao senso comum. (Gramsci, 1999, p.96)

É importante esclarecer que Gramsci considera religião “não no sentido confessional, mas no laico, de unidade de fé entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta adequada a ela”. Assim o pensador questiona o porquê de se chamar a unidade de fé de “religião” e não de “ideologia” ou política. (Ibidem). Com isso o autor não está questionando se a crença é depositada em Buda, em Ala, Cristo ou mesmo se na postura agnóstica ou atéia. O que o autor questiona é nome “religião”³ que se

³ Existem várias definições para o conceito de religião. Transcrevemos aqui algumas a partir de diferentes concepções citadas por Gaarder: “A religião é um sentimento ou uma sensação de

dá a uma prática que poderia chamar-se de ideologia ou política, fato que o nosso senso comum não questiona.

De acordo com o pensador italiano, o senso comum é composto por “características difusas, e dispersas de um pensamento genérico de certa época em certo ambiente popular” (Ibidem, p.101) _ e seria composta também pelo “núcleo sadio”, que é o que podemos chamar de parte reflexiva do senso comum, que tem o significado da

“superação das paixões bestiais e elementares numa concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente.”
(Gramsci, 1999, p.99)

Assim o arcabouço de nossos preconceitos, crenças acríticas, pensamentos difusos e contraditórios, compõe o campo do senso comum. Uma vez que toda filosofia tende a se tornar senso comum, o autor propõe que se elabore uma filosofia que possa ser difundida, se tornando um senso comum renovado “com a coerência e o vigor das filosofias individuais” (ibidem), e Gramsci fala em “filosofia individual”, pensando numa concepção de mundo que não seja massiva, ou seja, remonta à unidade na diversidade. A proposta para superação do senso comum seria a “filosofia da práxis”, uma ação na qual se inove e critique uma atividade já existente, que só poderia ser inicialmente polêmica e crítica, uma “superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente)” (Ibidem, p.101).

Gramsci fala sobre as ações da Igreja na busca por conformar os fiéis, por controlar os intelectuais que são a parte que representa uma ruptura na comunidade dos fiéis, levando a instituição não a promover uma elevação dos simples, mas uma disciplina “de ferro” sobre os intelectuais. Durante as duas breves aparições do padre no filme _ representando a posição da igreja em relação ao seu “rebanho” _ observa-se claramente sua falta de interesse em educar e instruir o povo de forma coerente e não preconceituosa. Contrariamente, percebe-se na realidade, uma ênfase na expressão do padre ao ler “nua”, induzindo ainda mais Dona Rosa à ignorância de sua posição em relação ao conteúdo lírico da poesia; e também quando ele faz objeção à Neruda como padrinho de casamento argumentando e insinuando que este não tem filhos por ser comunista e tê-los comido, alimentando ainda mais a ignorância do povo, como já foi dito.

absoluta dependência.” Friedrich Schleiermacher (1768-1834). “Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crença) e ações (culto e ética).” C.P. Tiele (1830-1902). “A religião é a convicção de que existem poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação.” Helmuth von Glasenapp (1891-1963).

A partir das palavras de Gramsci, refletimos acerca da filosofia da práxis, uma concepção baseada na unidade entre teoria e prática, como uma importante orientação para a ruptura do senso comum:

“A posição da filosofia da práxis é antitética a esta posição católica: a filosofia da práxis não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais.” (Gramsci, 1999, p.103)

Através desse contato entre intelectuais e massa, seria possível então romper com a posição da igreja católica de não possibilitar aos simples uma ascensão do modo de pensar pautado no senso comum. Pela filosofia da Praxis e através contato entre massas e intelectuais seria possível elaborar uma concepção de vida superior, algo que veremos acontecer no filme em função do contato entre Mario e Neruda.

Mário e Neruda: a relação entre intelectuais e massa: autoconhecimento e elevação do senso comum

De acordo com Gramsci, o processo de desenvolvimento está ligado ao contato dialético entre massa e intelectuais, no qual a massa se eleva a níveis superiores, ampliando suas influências e tornando-se um intelectual especializado. Nesse processo haverá uma separação entre massa e intelectuais, e por vezes a impressão de que os elementos da massa foram acessórios. Segundo Gramsci

“(...) esse processo de criação dos intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e de recuos, de debandadas e de reagrupamentos; e, neste processo, a “fidelidade” da massa (e a fidelidade e a disciplina são inicialmente a forma que assume a adesão da massa e sua colaboração no desenvolvimento do fenômeno cultural como um todo) é submetida a provas. (Gramsci, 1999, p.)

Neste ponto nos dirigimos à relação de Mario com Neruda, uma relação educativa com semelhanças e diferenças com a relação professor-aluno. Embora Neruda esteja numa postura de professor, que auxilia o estudante em seu processo de compreensão e maturação, sua relação com Mario não é institucionalizada, ocorre em sua casa e em outros espaços não escolares, como a praia e a taverna. O que acontece é muito próximo à descrição que Gramsci faz sobre o processo de criação de intelectuais. Inicialmente Mario tem um contato pequeno com Neruda e aos poucos essa relação vai se intensificando, o que leva o carteiro a observar o mundo de forma mais

complexa apurando seu senso crítico e estético, como já dissemos, ao ponto de Neruda ajudá-lo a conquistar Beatrice e vir a ser padrinho de casamento deles.

As razões de Mario pelo interesse na poesia, e o modo pelo qual ele teve seu primeiro contato com ela, através de Neruda, e conseqüentemente suas idéias, foi de suma importância para que o carteiro pudesse se apropriar delas e tomá-las como verdadeiras e dignas de crédito. Ele reconhecia previamente o valor intelectual de Neruda, ouvindo o poeta ser exaltado por seu chefe e pelo noticiário, e ainda por cima tinha grande interesse no “poeta do amor” por crer que suas poesias poderiam torná-lo melhor no relacionamento com as mulheres. Foi então graças a esta “abertura” e “inclinação” de Mario, e à forte atração que o poeta exercia sobre ele, que suas idéias puderam ascender a um nível mais ordenado e consciente.

O modo pela qual se deu o primeiro contato com a poesia por parte de Mario, e o modo com o qual Neruda a expôs influi diretamente na sua aceitação e recepção. Porém Mario não saberia – ao menos não tão coerentemente e belamente quando Neruda – expor todo o conteúdo aprendido e facilmente convencer outras pessoas, e muito menos vencer um debate com alguém de idéia oposta. Todavia, o fato de “perder” em uma discussão com alguém que saberia estruturar melhor suas idéias e argumentar de forma mais coesa e concreta não faria Mario abrir mão das idéias comunistas. É neste ponto que se insere o que Gramsci chama de “filosofia vivida como ato de fé”; com isso ele quer dizer que, assim como os fiéis religiosos que não conhecem o objeto de sua fé e por vezes nem sequer saberiam sustentá-lo, a massa que vive uma filosofia inconsciente não sabe defendê-la, mas nem por isso está aberta a qualquer contrariedade que possa surgir. Desta forma, não é a elaboração racional, formal, volitiva, concreta, espontânea e de fácil acesso que mantém a massa presa à uma filosofia, mas o ato de crer nessa filosofia acima de qualquer contrariedade racional e bem estruturada que possa surgir.

Fatos como esse se inserem no campo do tempo e do espaço, assim a historicidade acompanha todos os humanos. Gramsci (1999, p.95) diz que não podemos separar a filosofia da história da filosofia e nem a cultura da história da cultura. Com isso o autor quer dizer que todos os processos estão inseridos no tempo e no espaço, e que os acontecimentos não podem ser analisados sem a observação do contexto em que ocorrem⁴.

Ao elaborar conceitos e percepções sobre a situação da ilha habitada pelos pescadores, com problemas de abastecimento de água e más condições de trabalho, Mario está atuando como filósofo, elaborando concepções de mundo. Gramsci diz que não se pode ser filósofo, ou seja, ter concepções de mundo críticas e coerentes sem ter consciência da própria historicidade. Esta historicidade está em contradição com

⁴ Assim, pensando na história das culturas brasileiras, não poderíamos analisar nosso presente, sem considerar que o país teve um sistema econômico e social elitista e anti-democrático, baseado na escravidão, por cerca de trezentos anos, o que conformou nosso atraso econômico e político, nossas desigualdades e preconceitos raciais.

outras concepções de mundo, ou elementos de outras concepções. De acordo com o filósofo, a própria concepção de mundo está inserida numa determinada realidade, respondendo a problemas apresentados por ela. Assim, só seria possível analisar o presente com um pensamento atual, pois fazer tal análise com uma forma de pensar concernente ao passado seria uma atitude anacrônica. Apenas como uma pequena reflexão pertinente ao presente, que põe em pauta novos problemas e a necessidade de novas concepções de mundo, vale à pena nos questionarmos se nossa vida não é regida por concepções oriundas num passado distante, que recebendo camadas e mais camadas de interpretações, pequenas ignorâncias e preconceitos, nos tornaram seres contraditórios.

Gramsci fala também de “determinismo mecânico”, “fatalismo” e “força das coisas” ao expor a posição usualmente adotada pelas massas populares que transformam suas derrotas em forças de resistência moral. O homem derrotado, mas não conformado, acaba por substituir o velho conceito de predestinação pelo ato de fé, camuflando sua vontade real num ato puramente de crença na força e encaminhamento dos fatos. “O fatalismo é apenas a maneira pela qual os fracos se revestem de uma vontade ativa e real.” (Gramsci, 1999, p.107). Ele não é, contudo, mera reação, irresponsabilidade, há por trás disso uma vontade real na mudança das coisas, porém uma consciência contraditória que deseja algo, mas age de forma contrária, que se envergonha de si mesma. Há então no filme a passagem desta concepção mecanicista de Mario, ao queixar-se para Neruda sobre a água_ “O que se há de fazer?” _ para uma posterior concepção ativista, na qual ele confronta o recém-eleito prefeito Di Cosimo e expõe as suas insatisfações e conseqüentemente as insatisfações do povo.

A filosofia, ou concepção de mundo, inserida no tempo e no espaço, estaria ligada à política, uma vez que toda concepção de mundo culmina em uma ação, que é sempre uma ação política. Gramsci questiona se a verdadeira concepção de mundo não é aquela que está contida na política. Como a ação seria a política de cada um, a “materialização” da concepção de mundo, a política de Mario parece ser a de uma pessoa que tomou consciência do espaço no qual vive, das injustiças e ignorância nas quais o povo da ilha se encontra imerso. Para Gramsci (1999, p.103), o homem ativo de massa não teria consciência de sua ação, podendo acontecer de sua consciência teórica estar em contraste com o seu agir, sendo possível que ele tenha duas consciências, uma implícita em sua ação, e outra superficialmente explícita em sua fala, herdada do passado, absorvida sem crítica. Essa concepção verbal, aquilo que falamos, influenciou sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade, podendo chegar ao ponto de produzir uma passividade moral e política.

Assim, de forma talvez um pouco lânguida, Mario ao começar a questionar fatos que ocorrem na ilha, como a exploração das mercadorias dos pescadores e as falsas promessas de saneamento feitas por Di' Cosimo, entre outros, vai expressando em sua ação, ou sua política, que seu pensamento e suas ações tornaram-se mais críticos, conscientes e coerentes, acerca das desigualdades e da situação de exploração, atraso político e social, culminando em sua participação numa manifestação do Partido Comunista, para ler uma poesia, provavelmente de Neruda,

cena do filme que indica a morte do Carteiro. Para Gramsci, os partidos políticos⁵, e também outras instâncias de socialização como a Escola, Igreja e centros culturais, têm grande importância para difusão de concepções de mundo e para a realização da unidade entre teoria e prática:

“Deve-se sublinhar a importância e o significado que têm os partidos políticos, no mundo moderno, na elaboração e difusão das concepções do mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequadas a elas, isto é, em que funcionam quase como “experimentadores” históricos de tais concepções. Os partidos selecionam individualmente a massa atuante, e esta seleção opera-se simultaneamente nos campos prático e teórico, com uma relação tão mais estreita entre teoria e prática quanto mais seja a concepção vitalmente e radicalmente inovadora e antagonista aos antigos modos de pensar. Por isso, pode-se dizer que os partidos são os elaboradores das novas intelectualidades integrais e totalitárias [13], isto é, o crisol da unificação de teoria e prática entendida como processo histórico real; e compreende-se, assim como seja necessária que a sua formação se realize através da adesão individual e não ao modo “laborista”, já que _ se trata de dirigir organicamente “toda a massa economicamente ativa” _ deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando; e esta inovação só pode tornar-se de massa em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita na atividade humana já se tenha tornado, em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida.” (Gramsci, 1999, p.105)

⁵ Sobre a questão dos partidos, percebemos a postura favorável de Gramsci às organizações como os partidos. A visão do pensador sobre essas organizações está inserida num contexto em que a Itália acabara de passar pelo processo de unificação e os partidos funcionavam como uma instância na qual se podia lutar pelo reconhecimento dos direitos do povo. No Brasil, de 2009, precisamos estar atentos às configurações dos partidos políticos, que nunca estiveram tão “partidos” e desagregados, tornando por demais confusa a compreensão de suas propostas. Com exceções, muitos partidos tornaram-se “clubes” nos quais cada grupo busca defender direitos individuais e fragmentados. Assim fazendo um exemplo cômico, encontramos partidos que defendem as causas das mulheres donas de casa, aquele que defende a causa das donas de casa negras, evangélicas e abusadas, ou ainda aquele que defende as mulheres negras e homossexuais. No entanto, embora esse “multipartidarismo” expresse uma suposta “democracia”, esta “diversidade” acaba funcionando como um fator de enfraquecimento da reivindicação política além do fato de muitos partidos funcionarem como “microempresas”, uma vez que muitos e muitas estão neles para lucrarem financeiramente. Essa análise também pode ser estendida aos movimentos estudantis que ainda professam uma crença (infantil) na “revolução”, tomando como modelo alguns movimentos do século XVIII e XIX na Europa. A crítica aqui não se trata à liberdade de organização dos diversos movimentos sociais, mas à fragmentação que enfraquece e ridiculariza as lutas sociais, isto é, quando estas são lutas não são embustes.

Conclusão

Após o momento, em que Mario se descolou de muitos aspectos do senso comum, passando a uma postura mais atuante, ocorre a separação entre ele Neruda, o que vemos que lhe incomoda, e dá a impressão de que ele e os seus foram “acessórios” aos rogos de Neruda. Seu incômodo o faz compor um “poema sonoro” para o Poeta no qual ele descreve as belezas da ilha. Não coincidentemente estão presentes no “poema” os sons das coisas que compõem e influenciam fortemente a ilha. As ondas grandes e pequenas que cercam toda a ilha, as “redes tristes” do pai de Mario, que remetem às más condições de trabalho dos pescadores, o céu estrelado que cobre a ilha, o sino da igreja, instância política que conforma a fé e subserviência dos habitantes, e os sons do filho de Mario, representante de uma nova realidade, de um futuro no qual se lutará mais pelos direitos.

Com esta aproximação entre intelectuais e os simples seria promovida a elevação do senso comum a uma concepção de mundo coerente, à elaboração do senso crítico; este contato por sua vez se faz pela mediação entre uma “elite” intelectual, com uma concepção coerente e sistemática, que podemos comparar à postura de Neruda _ e também aos próprios estudantes do curso de Pedagogia. Uma vez que o nosso (suposto) objetivo como profissionais da educação é trabalhar para o aprendizado, crescimento, e amadurecimento intelectual e emocional dos futuros estudantes_ e usemos o termo “estudantes” e não “alunos”, que significa “sem luz” _ devemos agir como a melhor especialidade de intelectuais, conhecendo, investigando, experimentando, discutindo posturas e conhecendo a nós mesmos, tendo uma compreensão crítica do que nós somos. Assim é essencial também que nos interroguemos sobre nossos objetivos como futuros educadores e educadoras. Porque estamos nesta área? Por opção própria ou falta dela? Por crença nas possibilidades ou por crença única no valor de um diploma acadêmico? Contribuiremos para uma realidade em que a educação seja mais valorizada e menos banalizada? Temos consciência de nossa responsabilidade com o público ao qual atenderemos?

A compreensão crítica de si mesmo é segundo Gramsci, obtida por meio de uma luta de hegemonias e direções contrastantes, no campo da ética e da política, chegando a uma elaboração superior da própria concepção do real (Gramsci, 1999, p.103). Quando se toma consciência de que se faz parte de uma concepção de mundo, e de uma hegemonia, um bloco de ação coerente e sólido, é possível reelaborar sua própria concepção de mundo. Recapitulemos: Mario entra primeiro em contato com Neruda, passa a observar o mundo ao seu redor desde a parte física, geográfica, até as relações sociais que vigoram na ilha. A observação leva o Carteiro a tomar consciência do tipo de relação existente no lugarejo, a saber, a de um local que ainda necessitava de condições básicas como água potável; um local onde a Igreja não possuía nenhum compromisso de emancipar intelectualmente seus fiéis; uma ilha onde o processo eleitoral era antidemocrático, pois só havia um candidato que fazia boca de urna e não cumpria com suas promessas eleitorais. Após essas observações, ou melhor dizendo, após ter consciência de que fazia parte de uma certa força hegemônica, Mario mostra que ressignificou suas concepções quando muda sua postura diante dos acontecimentos, demonstrando ter atingido a autoconsciência, a

reflexão sobre seu mundo interno e externo, já que uma ação está associada a um processo intelectual (dimensão interna).

Gramsci propõe uma autocrítica sobre a própria concepção de mundo, a atividade de “conhecer a si mesmo”⁶ tornando-a unitária e coerente, buscando atingir o pensamento mundial mais evoluído. Isso significaria criticar toda a filosofia existente, uma vez que ela deixou resquícios em nossa forma de pensar. “O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica.” (Gramsci, 1999, p.94)

De acordo com Gramsci todos nós pertencemos sempre a um determinado grupo, “somos sempre conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos” (Gramsci, 1999, p.94), assim o autor expõe que o problema é saber de qual conformismo fazemos parte. Criticando as concepções de mundo acríticas, ocasionais e desagregadas, o pensador diz que pertencemos ao mesmo tempo a uma multiplicidade de homens-massa, tendo nossa personalidade compósita de forma bizzara, ou seja, “nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado.” (ibidem)

A descrição que Gramsci faz nos remete imediatamente aos habitantes da ilha, que são o conceito imagem⁷, dessa personalidade compósita. A característica massificada

⁶ Sócrates (469- 399 a.C.) foi um pensador grego que estava preocupado com a sociedade ateniense de sua época. Em sua base teórica o pensador analisa como as idéias são articuladas numa argumentação, por isso o filósofo agia de forma a questionar os discursos das pessoas, de forma a fazer com que elas interrogassem suas próprias falas e a estrutura de seu pensamento. Daí deriva a noção do “conhece a ti mesmo”, da reflexão que significa voltar-se sobre si, ultrapassando aquilo que é obvio. Sócrates agia de forma a fazer com que seus interlocutores percebessem suas contradições ou sua ignorância através da exposição de suas opiniões e do apontamento das próprias contradições nelas presentes, “método” que foi chamado de “maiêutica”. Em função do grande “incômodo” que causava às autoridades atenienses Sócrates foi considerado um corruptor da juventude sendo condenado à morte.

⁷ Julio Cabrera em sua obra “O cinema Pensa”, livro no qual ele busca tornar clara a compreensão de questões da filosofia por meio do cinema, utiliza a noção de “conceito imagem”. O autor diz que a filosofia poderia ter se desenvolvido não só por meio da linguagem escrita, mas também por meio da dança da fotografia ou do cinema. A partir das elaborações teóricas do autor, podemos entender que “conceito imagem” é a expressão de um determinado conceito por meio de um filme, ou de uma imagem. Assim, uma cena de um filme pode ser considerada um conceito visual de algo teórico. Ao vermos, por exemplo, a cena em que o padre de o Carteiro e o Poeta não explica adequadamente à Dona Rosa, o conteúdo da poesia dada a Beatrice por Mario, podemos compreender o conceito de Gramsci de que a

dessas pessoas as leva a seguirem concepções por vezes contraditórias, como Dona Rosa que ao mesmo tempo critica Mario e o uso que ele faz das metáforas no poema para conquistar Beatrice, e usa de metáforas para expressar sua raiva do carteiro. A contradição também se expressa na situação dos pescadores que são explorados, e sendo defendidos por Mario, que critica a situação de exploração, lhe devolvem uma represália, mostrando que não se conscientizaram de seu problema e também viram no carteiro um fator de complicação para suas vendas.

Assim fica clara a importância da tomada de consciência, da elaboração de um pensamento crítico e coerente que permita a superação do senso comum. A história do Carteiro não está longe de nossa realidade. Somos e convivemos com uma multidão de “homens e mulheres massa”, que apresentam pensamentos e ações dispersos e contraditórios. Essa incoerência no pensar e no agir é causa de muitos problemas sociais contemporâneos como a desigualdade social, a idolatria ao efêmero fascínio do capitalismo, o acúmulo de preconceitos, a discriminação (religiosa, sexual, racial, entre outras) e a inatividade política dos sujeitos. A nossa postura como educadores deve, ou deveria ser, como a de Neruda: esclarecer e auxiliar eticamente os educandos para que estes tenham concepções de mundo e ações mais libertadoras. E é importante que esteja claro que este “esclarecimento” e “auxílio” não são em nada semelhantes à postura de “catequizadores”, de mensageiros da “verdade” como a os dos jesuítas de séculos idos. Nossa ação como educadores se faz em diversos espaços: casa, trabalho, rodas de amigos, partidos ou organizações da sociedade civil, igreja, universidade e escola, através de conversas, pequenas e também grandes ações no cotidiano, e principalmente a partir do “conhece a ti mesmo”, da transformação e melhoria pessoal.

Igreja não busca libertar a massa do senso comum, ou ainda, podemos reconhecer Mario e todo o filme como o conceito imagem da superação do senso comum e do conhecimento de si mesmo. Cabrera afirma ainda, que um personagem, uma cena específica, ou todo o filme podem ser considerados um conceito imagem de algo. Assim como situações cotidianas refletem concepções de mundo, teorias e práticas, de forma implícita e pode ser “lida” analisada, o filme também permite que sejam feitas leituras gerais e também específicas, sem que nos prendamos a uma única cena.

Referências Bibliográficas:

Cabrera, Julio. O cinema pensa. Uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

Gaarder, Jostein. O livro das religiões/ Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flávio Pierucci. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

Gramsci, Antonio. Cadernos do Carcere. Cadernos do Cárcere, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pág. 93-114.

Lima, Priscila Augusta. Educação Inclusiva e Igualdade Social. São Paulo, Avercamp, 2006.

Pessanha, José Américo Motta. Sócrates. Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural Ltda, São Paulo, 1999, pág.5-30.

Skármeta, Antonio. O Carteiro e o Poeta; tradução de Beatriz Sidou, 13ªed. Rio de Janeiro, Record, 1998.

Filme Referência: O Carteiro e o Poeta. (Il Postino).Itália, 1994. 109 min. Direção Michael Radford. Distribuição: Miramax Filmes

Consulta eletrônica: <http://www.adorocinema.com/filmes/carteiro-e-poeta/carteiro-e-poeta.asp>

Ferreira Palma, Sílvia Isabel. Il Postino. De Michael Redford. Uma aproximação às Ciências Educativas. Faculdades de Ciências Da Universidade de Lisboa. História e Filosofia da Educação. (sem data)

Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/postinofinal.pdf>

Acessado em: Abril/2007